

O ASYLO CORAÇÃO DE MARIA E A EDUCAÇÃO DAS MENINAS DESVALIDAS NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1863 A 1951)

HARDALLA SANTOS DO VALLE¹; GIANA LANGE DO AMARAL²

¹*Universidade Federal de Pelotas – hardalladovalle@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – gianalangedoamaral@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, que se situa no campo da História da Educação, é parte de uma pesquisa de doutoramento que vem sendo realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE/UFPEL. Seu objetivo é apresentar uma análise sobre a educação de meninas órfãs ou em situação de vulnerabilidade, que era efetivada no Asylo Coração de Maria.

Sob a tutela das madres da Congregação do Imaculado Coração de Maria e com o amparo financeiro do poder público municipal e de fiéis católicos, esta instituição foi a única responsável pela instrução e cuidado das meninas desvalidas da cidade do Rio Grande entre os anos de 1863 a 1951.

As poucas informações sobre o funcionamento desse asilo encontram-se em: Sentana e Moura (1989), Bortoluzzi (1996), Maciel (2002) e Caldeira (2014).

Assim, apresento aqui as seguintes questões a serem analisadas: Por que o Asylo Coração de Maria foi fundado? Como transcorria o cotidiano escolar das internas? O ensino para o trabalho fazia parte desse cotidiano?

2. METODOLOGIA

Como alicerce teórico-metodológico foram selecionadas a História Cultural (BURKE, 2008 e CERTEAU, 1997) e a análise documental (SAMARA e TUPY, 2010). Os documentos que sustentam este estudo, fazem parte do acervo do Educandário Coração de Maria (livros de matrícula, relatórios das madres responsáveis e regimento interno da instituição) e da Biblioteca rio-grandense (regimento da Santa Casa de Misericórdia e jornal Echo do Sul).

Desenvolvida a partir do impacto das noções de cultura nas Ciências Humanas, e na História, desde as décadas de 1960 e 1970, a História Cultural construiu um território vasto, parecendo mesmo não ter limites. Ampliaram-se os temas e as fontes de estudo, sendo considerado documento histórico todo registro de ação humana, inclusive os acontecimentos do cotidiano nos diversos tempos espaço (PESAVENTO, 2004). O resultado dessas possibilidades foi na opinião de BURKE (2008, p.11) a compreensão de que “tudo tem uma história”, ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. Além disso, a compreensão de que a história, em sua essência filosófica, é social ou culturalmente construída.

No que tange o trabalho com os documentos, em uma concepção de dialogicidade entre teoria e método, Samara e Tupy (2010), destacam que durante a pesquisa histórica, não se pode buscar no documento a realidade vivida no recorte temporal, mas porções de uma realidade. Nesse sentido, é necessário que o pesquisador construa indagações sobre o documento, como por exemplo: Quando? Onde? Quem? Para quem? Para quê? Por quê? E proponha questionamentos sobre os silêncios, as ausências e os vazios que sempre fazem

parte do conjunto de fontes e que, por não serem fatores explícitos, são por vezes ignorados. Esses fragmentos indiciários são os aspectos que constituem a rede que dará sentido ao conhecimento produzido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 1858 são iniciadas em Rio Grande algumas discussões, por meio do jornal Echo do Sul, acerca da necessidade de criar uma instituição que cuidasse da educação e do auxílio das menores abandonadas. Entre os argumentos apresentados para angariar apoio financeiro para esta ideia, o principal era a urgência de se ampliar o trabalho que era realizado pela Casa da Roda dos Expostos.

A fundação do Asylo Coração de Maria ocorreu em uma reunião, anunciada no mesmo jornal, aberta a todos aqueles que estivessem interessados em seu funcionamento. Nesta reunião, a primeira medida efetivada foi a eleição de uma diretoria para organizar e dar andamento aos trâmites burocráticos para a criação da instituição. A presidência dessa diretoria ficou a cargo do Major Miguel Tito de Sá, a vice-presidência ao Dr. Pio Angelo Da Silva¹, a secretaria ao Sr. Joaquim Ribeiro da Silva² e a tesouraria ao Sr. Zeferino Alves Azambuja³.

Após a criação deste asilo muitas meninas que residiam na Casa da Roda dos Expostos foram enviadas para lá. Esta instituição, propiciou assim um alargamento da tutela de uma infância enjeitada, que antes poderia residir na Casa da Roda dos Expostos apenas até os doze anos (SENTANA e MOURA, 1989).

A rotina das meninas do Asylo Coração de Maria tinha como pilares: a religiosidade, a submissão e a obediência. Todavia, Rizzini (2009) destaca que embora houvesse a busca por imposição de modelos educacionais aos asilos, por outro lado, campos de negociação emergiam diante das pressões e das formas de apropriação engendradas, podendo levar à reorientação das práticas institucionais previstas.

Segundo os relatórios, para conseguir impor obediência, submissão, e uma lógica de poder hierárquica⁴, as madres valiam-se de meios de correção como: aviso de advertência em particular e/ou em público, notas de disciplina, aviso feito pela madre superiora em particular e -se existente- na presença de algum responsável. As últimas duas medidas eram a ameaça e a efetivação da exclusão definitiva do asilo.

No que tange ao ensino escolarizado ministrado no asilo, nas primeiras décadas ele era primário e moldado de acordo com o programa oficial do estado. Os exames finais eram realizados por uma banca examinadora, presidida pela madre superiora e professores de outras escolas da cidade, e duravam o dia inteiro.

¹ Dr. Pio Ângelo da Silva nasceu em Rio Grande no ano de 1818. Prestou à República Rio-grandense serviços de Enfermagem durante a Revolta dos Farrapos. Tornou-se médico no Rio de Janeiro. Ao voltar para sua cidade natal atingiu certo destaque, não só pela sua cultura como também pelos seus constantes atos de benemerência e caridade, ficando conhecido como "Pai dos pobres" (NEVES, 1980).

² Joaquim Ribeiro da Silva foi um comerciante de sucesso. Membro fundador da sociedade união comercial dos varejistas de Rio Grande, em 1888 (NEVES, 1980).

³ Zeferino Alves Azambuja foi um empresário rio-grandino. Foi diretor da Companhia de seguros marítimos e terrestres Perseverança, que atuava em Rio Grande entre as décadas de 1860 a 1900 (SENTANA e MOURA, 1989).

⁴ Para saber mais sobre esses conceitos da Cultura escolar, ver: MALIKOSKI e KREUTZ, 2014.

As meninas que completavam o curso primário aprendiam, a partir da década de 1900, em coerência com sua vocação e interesse, a datilografia, enfermagem, o corte, a costura e o bordado. As interessadas, ainda poderiam continuar seus estudos no Colégio Santa Joana d'Arc, que tinha ensino normal.

Em relação a essas profissões disponíveis, duas eram culturalmente associadas a figura feminina do século XIX: a enfermagem e à docência (TAMBARA, 2002). A datilografia, pode ser relacionada a um mercado de trabalho que existia, por causa das editoras e os jornais que haviam em Rio Grande (MARTINS, 2006). Já o corte, a costura, o bordado, bem como as lidas de limpeza do lar, possibilitariam tanto a atuação de empregada doméstica, como de servente ou costureira nas fábricas⁵ que foram fundadas na cidade entre as décadas de 1870 a 1910.

Destaca-se que o ensino profissionalizante, pode ser considerado uma singularidade e um ingrediente fundamental para a caracterização da identidade institucional⁶ do Asylo Coração de Maria. Isso porque, a efetivação deste tipo de ensino está diretamente relacionada a uma configuração sociocultural citadina.

Sendo uma zona portuária de destaque do sul do Brasil, na história da cidade do Rio Grande, entre imigrantes, comerciantes, escravos e uma vasta população que habitava cortiços, sempre estiveram presentes as prostitutas (MARTINS, 2006).

O medo de que as meninas asiladas se transformassem nas mulheres que ganhavam seu sustento através do sexo, é como uma sombra que se esconde nas entrelinhas dos documentos⁷. A “preocupação com as possibilidades de vida que as esperam”, o desejo de “possibilitar uma vida com boa moral e dignidade” e de que “fossem mulheres dignas de respeito”, sempre acompanha as menções do ensino para o trabalho.

Sentana e Moura (1989) e Caldeira (2014) afirmam, e os documentos comprovam, que muitas meninas saiam dos asilos para trabalhar como domésticas nas casas de família ou para o casamento. Mas o que acontecia com aquelas que não casavam ou que não conseguiam ser empregadas em casas de família, caso não possuíssem outra formação além da lida doméstica? Pode-se postular que poderiam tentar seguir a vida religiosa. Todavia, ainda não foram encontrados dados que sinalizem essa situação. Os registros desvelam apenas o medo das madres de que as meninas tivessem uma vida promíscua e indigna. Medo esse, que impulsiona a inserção do ensino profissionalizante na instituição.

Todavia, para além da motivação que impulsiona a efetivação desse tipo de ensino, é preciso enfatizar a importância desse ato dentro do contexto citadino. Afinal, foi a partir dessa iniciativa que se abriu um pouco mais o leque de possibilidades de trabalho para jovens que jamais teriam como custear sozinhas algum curso profissionalizante. O que evidencia não apenas a existência de uma oportunidade de ascensão sociocultural dessas meninas desvalidas, através de um futuro como professoras, enfermeiras, empregadas domésticas, trabalhadoras fabris e etc.; como também a aposta institucional em um sustento feminino, independente do casamento.

4. CONCLUSÕES

⁵ Fábrica Rheingantz (1873), Fábrica Alliança (1876), Fábrica Beneri & Farinha (1889), Leal Santos (1889), Indústria Llopert (1902) e a Fábrica Pook (1891) (MARTINS, 2006).

⁶ Identidade institucional é um conceito abordado por Werle (2007).

⁷ Informações extraídas dos relatórios das madres do Asylo Coração de Maria (1900-1950).

É preciso acrescentar que este estudo é um pequeno recorte e não se esgota neste trabalho ela complexidade e riqueza do tema tratado. Contudo, foi intenção não apenas investigar uma instituição pouco mencionada nos estudos históricos educacionais, mas suscitar questões e análises acerca de um contexto educacional propiciado para meninas em situação de vulnerabilidade. Lócus repleto de preconceitos e conflitos socioculturais, que vem ganhando espaço dentro dos estudos históricos educacionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORTOLUZZI, Pe. Octávio Cirillo. **Documentário**. 2. ed. Porto Alegre: Gráfica Dom Bosco, 1996.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CALDEIRA, Jeane dos Santos. **O Asilo de Órfãs São Benedito em Pelotas – RS (as primeiras décadas do século XX)**: trajetória educativa-institucional Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL), 2014.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JORNAL ECHO DO SUL**. Rio Grande, 1858 a 1950.
- MACIEL, Patrícia Daniela. Instituto Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição: estudo da educação das meninas abandonadas no século XIX. In: ASPHE, 8, 2002. **ASPHE - Iconografia e Pesquisa Histórica**. Gramado: Seiva, 2002. p. 291-303.
- MALIKOSKI, Adriano e KREUTZ, Lucio. A cultura escolar como categoria de análise na produção de narrativas históricas sobre educação. **Revista Textura** Canoas n.32 p.245-260 set./dez. 2014.
- MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande**: industrialização e urbanidade (1873-1990). Rio Grande: FURG, 2006.
- NEVES, Décio Vignoli. **Vultos do Rio Grande**. Santa Maria: Palloti, 1980.
- PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- REGIMENTO** da Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Rio Grande. Rio Grande: Tipografia do Diário, 1860.
- REGIMENTO** interno do Asylo Coração de Maria, 1862.
- RELATÓRIO** das madres do Asylo Coração de Maria, 1900 a 1950.
- RIZZINI, Irma. A pesquisa histórica dos internatos de ensino profissional: revendo as fontes produzidas entre o século XIX e XX. **Revista Contemporânea de Educação**, v.4, nº7, 2009. Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1571/1419>
- SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- SENTANA, Ana Lucia e MOURA, Kátia. Asilo de Órfãs Coração de Maria. In: **Metodologia e Técnica em Pesquisa Histórica**. Rio Grande: FURG, 1989.
- TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, feminização e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública - 1880/1935. In: HYPOLITO, Álvaro; VIEIRA, Jarbas; GARCIA, Maria Manuela (Orgs.). **Trabalho docente**: formação e identidades. Pelotas: Seiva, 2002.
- TORRES, Luiz Henrique. A Casa da Roda dos Expostos na cidade do Rio Grande. **Revista Biblos**, v.20, 2006. Disponível em:
<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/724>